

TARCÍSIO WELVIS GOMES DE ARAÚJO
MARCIA RAIKA E SILVA LIMA

LETRAMENTO E SURDEZ:

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS NA PERSPECTIVA DO
ENSINO COLABORATIVO E DO DESENHO UNIVERSAL
DA APRENDIZAGEM



SÃO LUÍS - MA
2022

Araujo, Tarcisio Welvis Gomes de.

Letramento e surdez: propostas pedagógicas na perspectiva do ensino colaborativo e do desenho universal da aprendizagem [recurso eletrônico] / Tarcisio Welvis Gomes de Araujo. – São Luís: [s.n.], 2022.
68 p

A obra em formato digital constitui-se produto educacional do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional, da Universidade Estadual do Maranhão.

1.Práticas de letramento. 2.Língua portuguesa.
3.Estudante surdo. 4.Ensino colaborativo. 5.Desenho universal da aprendizagem. I.Título.

CDU: 376-056.263

SUMÁRIO

Apresentação.....	03
1 O ENSINO COLABORATIVO NO LETRAMENTO DE ESTUDANTES SURDOS.....	05
2 DESENHO UNIVERSAL DA APRENDIZAGEM NO LETRAMENTO DE ESTUDANTES SURDOS.....	12
3 PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA O LETRAMENTO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTUDANTES SURDOS DO ENSINO MÉDIO.....	17
3.1 Gênero Anedota/Piada.....	18
3.2 Gêneros: Anúncio, Entrevista, Notícia, Propaganda e Receita Culinária.....	22
3.3 Gênero Biografia.....	28
3.4 Gênero Lenda e História em Quadrinhos.....	33
3.5 Gênero Meme.....	38
3.6 Gênero Música.....	43
3.7 Gênero Poema.....	47
3.8 Gênero Receita Médica e Bula de Medicamento.....	51
3.9 Gênero Redação Escolar.....	55
3.10 Gênero Regimento Escolar.....	60
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
Referências.....	65
Sobre os autores.....	67

APRESENTAÇÃO

Saudações, leitor (a)!

A construção desse e-book é resultado de uma pesquisa de campo realizada em uma Unidade Escolar de nível médio na cidade de São Luís – MA, em que há estudantes Surdos. Bem como de um trabalho de curadoria, que consistiu no levantamento de dados e informações a serem adicionadas às propostas das atividades, selecionando artigos científicos, blogs, imagens, jogos, livros, reportagens, sites, vídeos (com legenda em português ou em Libras) que possibilitem o desenvolvimento significativo das práticas de letramento.

Objetivamos nesse livro, discutir acerca de práticas inovadoras para a inclusão e o letramento em Língua Portuguesa de estudantes Surdos do Ensino Médio em escolas regulares de perspectivas inclusivas, apresentando possibilidades de atividades a serem desenvolvidas com todos os alunos.

A construção desse material constitui-se como um instrumento que visa auxiliar e orientar as práticas dos professores no letramento de estudantes Surdos do Ensino Médio, de forma a fomentar estratégias necessárias ao desenvolvimento cognitivo e sociolinguístico destes estudantes, sem que seja necessário um Plano Educacional Individualizado (PEI).

Desse modo, analisa-se a necessidade de apoios especializados para que o processo de escolarização de alunos Surdos ocorra de maneira eficaz, quanto a aprendizagem. A seguir, apresentamos reflexões sobre o Ensino Colaborativo, Desenho Universal da Aprendizagem (DUA), o papel do Professor da Sala de Recursos Multifuncionais e do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS), que consideramos essenciais no processo de letramento do estudante Surdo.

Assim, este e-book encontra-se dividido em quatro capítulos:

1. O Ensino Colaborativo no Letramento de Estudantes Surdos. Apresentamos a filosofia do Ensino Colaborativo ou Coensino, como proposta para potencializar práticas de letramento necessárias para o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, em especial do Surdo.

2. O Desenho Universal da Aprendizagem - DUA, no Letramento de Estudantes Surdos. Discutimos sobre as contribuições do DUA para a construção de práticas de letramento inclusivas, com foco no estudante Surdo.

3. Propostas Pedagógicas para o letramento em Língua Portuguesa para estudantes Surdos do Ensino Médio. Apresentamos possibilidades de atividades que possam auxiliar o processo de letramento dos estudantes Surdos. Ressaltamos que essas propostas possam servir como modelo, de forma a serem adaptadas conforme o contexto educacional ao qual serão utilizadas.

4. Considerações finais. Refletimos sobre as contribuições desse e-book para as práticas de letramento em Língua Portuguesa em salas regulares inclusivas de nível médio com alunos Surdos.

Portanto, esse e-book se direciona, prioritariamente, aos profissionais da educação em formação inicial, continuada e em serviço que objetivem construir práticas de letramento em Língua Portuguesa coerentes com a realidade da sala regular inclusiva com alunos Surdos.

O autor

O ENSINO COLABORATIVO NO LETRAMENTO DE ESTUDANTES SURDOS

A Educação Especial na perspectiva Inclusiva se configura como uma política viável à promoção de uma educação para todos, sendo imprescindíveis práticas educacionais equitativas, que serão suscitadas por ações colaborativas entre os profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem em uma sala de aula heterogênea.

Destarte, o processo de letramento em Língua Portuguesa para o estudante Surdo nas escolas regulares, tem-se constituído de entraves que permeiam as práticas docentes, dentre eles a falta de colaboração entre o professor da sala comum, da sala de recursos e do intérprete de Libras. Além disso, metodologias, estratégias, recursos didático-pedagógicos que não instigam ou limitam o letramento do Surdo, por não lhes ser acessíveis às suas habilidades visuais, tendo em vista a limitação auditiva.

Os alunos Surdos têm suas matrículas efetivadas nas escolas regulares, contudo, muitas vezes excluídos do Projeto Pedagógico (PP) da escola, enquanto deveria “a partir dos princípios inclusivos, definir a utilização de adequações, contando com apoios especializados e capacitação para os professores, garantindo continuidade e efetividade do trabalho realizado” (SCAVONI, 2016, p. 48). Quando o PP não contempla o estudante Surdo dificilmente haverá possibilidades para o desenvolvimento de práticas bilíngues, necessárias ao processo de ensino-aprendizagem desse aluno, por entender-se como Arias (2020, p. 4) que

hablar de inclusión nos remite a la consideración de prácticas educativas y sociales democráticas, significa participar en la comunidad de todos en términos que garanticen y respeten el derecho, no sólo a estar o pertenecer, sino a participar de forma activa política y civilmente en la sociedad, en el aprendizaje en la escuela, etc.[1]

Portanto, a garantia do direito de aprender do estudante público-alvo da Educação Especial – EPAEE, não se consagra, no ato

[1] Falar de inclusão remete-nos à consideração de práticas educativas e sociais democráticas, significa participar na comunidade em todos os termos que garantam e respeitem o direito, não só de ser ou pertencer, mas de participar de forma ativa, política e civilmente na sociedade, na aprendizagem, na escola, etc.

da matrícula, são imprescindíveis práticas inclusivas, e garantia de permanência e acesso ao currículo conforme as habilidades de cada estudante. Por esse ponto de vista, entende-se que “um dos grandes desafios da inclusão escolar é justamente favorecer o desenvolvimento específico de um sujeito num contexto coletivo” (MARIN; BRAUN, 2013, p. 54), no caso em análise do estudante Surdo, que necessita antes de tudo aprender sua língua natural, no caso a Libras e que a comunidade escolar também utilize na mediação entre o estudante e o conhecimento.

Desse modo, possibilitar acesso dos alunos com ou sem deficiência ao currículo escolar, significa somar conhecimentos entre os profissionais envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem, pois “não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes!” (FREIRE, 1996 apud COSTA, 2008, p. 9), assim, é preciso “gastar tempo e energia formando a equipe escolar e capacitar equipes educacionais para tomar decisões de forma colaborativa” (VIRALONGA; MENDES, 2014, p. 140), esses conhecimentos viabilizarão a construção de práticas para o letramento em Português pelo aluno Surdo, para que a escola se torne de fato inclusiva.

Nessa conjuntura, entendemos que o Ensino Colaborativo ou Coensino, surge, no âmbito da concepção inclusiva de educação, como possibilidade de se promover a inclusão escolar e o letramento do estudante Surdo na sala de aula regular, em colaboração com as atividades de outros atendimentos especializados.

Assim sendo, os profissionais que constituem o Ensino Colaborativo na perspectiva dessa pesquisa, precisam ser licenciados em Letras Português e/ou Letras-Libras, para atuarem como professores da sala comum e da sala de recursos. No contexto do estudante Surdo, acrescenta-se o intérprete de Libras como um profissional que possa estar auxiliando os dois professores no trabalho de colaboração.

A esse respeito, Capellini e Zerbato (2019) ponderam que o Ensino Colaborativo consiste em se promover serviços relacionados à escolarização e à educação especializada na sala de aula regular. De modo que haja entre os profissionais “paridade, baseada no espírito de equidade; tomada de decisões mútuas, portanto sem hierarquias; professores com papel igualitário em planejar, executar e avaliar as lições; valorização dos conhecimentos dos profissionais envolvidos” (VILARONGA, 2014, p. 22). As autoras Mendes, Vilaronga e Zerbato (2018, p. 26) acrescentam que o

coensino é baseado na abordagem social porque pressupõe que a escola deve ser modificada e que é preciso qualificar o ensino ministrado em classe comum, local onde o aluno passa a maior parte do tempo de sua jornada escolar. Assim, se o ensino na classe comum não responder as necessidades desse aluno e pouco favorecer sua participação e aprendizagem, de nada adiantará ampliar sua jornada em uma ou duas horas semanais para oferecer o AEE, como se o problema estivesse centrado no aluno com deficiência, e não na escola.

À vista disso, a escola regular necessita repensar suas práticas diante de um público diverso, dentre ele o aluno Surdo que possui uma cultura e uma língua diferente da maioria dos sujeitos que constituem esse espaço, caso contrário, pouco contribuirão os atendimentos desenvolvidos na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) no contraturno à sala comum.

Assim, o Ensino Colaborativo, orienta que o professor da SRM se desloque para a sala comum, desenvolvendo as práticas de letramento junto com o professor da disciplina de Língua Portuguesa. Compreendendo que a responsabilidade pela o desenvolvimento dos alunos, inclusive do Surdo, é de ambos os professores.

É importante que os dois profissionais envolvidos tenham clareza dos seus papéis, destacamos que enquanto o professor do ensino comum é responsável pela transmissão dos conteúdos, elaborados e sistematizados culturalmente e o professor SRM a incumbência pelas estratégias a serem utilizadas para êxito no processo de ensino-aprendizagem, viabilizando a inclusão escolar dos EPAEE, especificamente dos alunos com surdez.

Esse processo demanda tempo, predisposição a trabalhar em parceria, perpassando por três estágios, como nos ensina Vilaronga (2014, p. 22):

Estágio inicial: os dois professores se comunicam superficialmente, criando limites e tentativas de estabelecer um relacionamento profissional entre si, mas a comunicação é formal e infrequente, e corre-se o risco da relação profissional ficar estagnada nesse estágio;

Estágio de comprometimento: a comunicação entre eles se torna mais frequente, aberta e interativa, o que possibilita que eles construam um nível de confiança necessário para a colaboração, e gradualmente o profissional da Educação Especial deve passar a assumir um papel mais ativo na sala de aula;

Estágio colaborativo: os dois profissionais se comunicam e interagem abertamente, sendo que a comunicação, o humor e um alto grau de conforto são vivenciados por todos, e, como resultado eles trabalham verdadeiramente juntos e um complementa o outro.

Para que de fato se constitua um Ensino Colaborativo na disciplina de Língua Portuguesa, os professores envolvidos precisam se permitir conhecer, se dispor a trabalharem juntos em um ambiente em que as práticas pedagógicas sejam pensadas, executadas e avaliadas por ambos os professores, saindo do estágio inicial para o estágio colaborativo.

Ao passo que os professores vão avançando, o estágio colaborativo, os modelos de se portarem e de organização da sala utilizados por eles também vão se alterando. Capellini e Zerbato (2019) nos apresentam diferentes arranjos para o Coensino:

Figura 1: um ensina; outro observa / um professor; outro assistente



Fonte: Capellini e Zerbato (2019, p. 44)

Essa figura, representa um estágio inicial de colaboração, em que os professores envolvidos ainda estão buscando uma melhor forma de desenvolverem um Ensino Colaborativo. Explicando melhor, ao visualizarmos a figura 1 temos no lado esquerdo da imagem um professor que ensina, enquanto o outro apenas auxilia, observando o comportamento e o desenvolvimento dos estudantes. E ao lado direito, enquanto um professor ensina o outro apenas apoia e interfere quando o professor regente solicita.

Não podemos considerar esse estágio o mais adequado para uma prática de Coensino, por não haver um diálogo entre os profissionais, impossibilitando uma parceria significativa, em que ambos são responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem da turma, nesse sentido, o professor da SRM não poderá ficar a cargo da aprendizagem apenas dos EPAEE.

Na Figura 2 podemos observar mais dois arranjos de Co-ensino apresentados pelas Autoras (2019), como observamos:

Figura 2: estações de ensino / ensino paralelo



Fonte: Capellini e Zerbato (2019, p. 45)

Nesses modelos, podemos identificar um maior comprometimento de ambos profissionais no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. O modelo estações de ensino se configura como diferentes ambientes de ensino-aprendizagem que exploram as mais diversas habilidades e conhecimentos que se complementam. De modo que, cada professor fica responsável por um grupo de estudantes que vão passando por cada uma das estações de ensino. As estações de ensino podem possibilitar práticas de letramento dinamizadas, em que os alunos resolvem diferentes atividades em circuito.

Já o ensino paralelo se constitui como a divisão da turma em dois grupos, os quais cada professor fica responsável por um, contudo, o planejamento e práticas desenvolvidas são as mesmas em cada grupo. Uma perspectiva a ser usada para que os professores possam fazer um atendimento mais específico, dependendo das atividades a serem desenvolvidas.

Os arranjos de Ensino Colaborativo apresentados na Figura 3 as Autoras (2019) destacam os modelos de ensino alternativo e equipe de ensino ou ensino colaborativo, como seguem:

Figura 3: ensino alternativo / equipe de ensino ou ensino colaborativo



Fonte: Capellini e Zerbato (2019, p. 46)

O ensino alternativo, conforme Capellini e Zerbato (2019), se torna viável quando há um pequeno grupo de estudantes que necessitam de uma intervenção mais específica por apresentar uma maior dificuldade na compreensão do conteúdo, enquanto um professor auxilia esse grupo, o outro ensina o grupo maior.

E na equipe de ensino ou ensino colaborativo é o estágio o qual se constitui de fato o Ensino Colaborativo, quando ambos professores são responsáveis para ensinar toda a turma, planejando e executando as atividades em parceria.

É o que se espera do professor da disciplina de Língua Portuguesa trabalhando em colaboração com o professor da Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) e, o intérprete de Libras sendo uma figura que poderá auxiliar os dois professores, orientando-os a respeito de aspectos do desenvolvimento do estudante Surdo.

O Ensino Colaborativo se constitui, com base nas explicações de Capellini e Zerbato (2019), como uma filosofia que consiste em uma abordagem social da deficiência, por acreditar que a escola deva se adaptar às necessidades dos estudantes, possibilitando uma aprendizagem significativa.

Assim, Rabelo (2012, p. 47), faz compreender que “o perfil do professor do ensino comum no contexto da educação inclusiva é bastante ambicioso, e ele pode precisar do apoio sistemático dos profissionais do ensino especial para a construção de práticas inclu-

sivas na escola”, e no que cerne a inclusão do estudante Surdo o desafio é ainda maior, visto que apresenta necessidade e direito em usar a Libras no processo educacional.

Nesse contexto, o Ensino Colaborativo se apresenta como possibilidade de trabalho necessária para se construir práticas inovadoras, no sentido de (re)pensar as práticas pedagógicas buscando novas formas de construir situações de desenvolvimento do letramento em Língua Portuguesa pelo estudante Surdo. Assim, Araújo, Araújo e Freitas (2020, p. 10) pontuam que

se propõe uma prática pedagógica colaborativa entre docentes da sala comum, especial e o/a intérprete de Libras, numa filosofia de co-responsabilização com: planejamento em grupo compartilhando saberes; criação de objetivos, recursos e estratégias para o ensino-aprendizagem dos estudantes Surdos; avaliar o percurso e os envolvidos (professores e estudantes) e buscar formação continuada.

Garantindo que o estudante Surdo tenha acesso ao currículo, ao possibilitar diferentes olhares voltados a uma mesma causa, a aprendizagem desse sujeito, em uma perspectiva crítico-reflexiva e ativa. Destaca-se, nesse contexto, a importância do TILS, como um profissional especializado habilitado para intermediar a comunicação entre pessoas que utilizam línguas diferentes, no caso o professor ouvinte e o estudante Surdo (BRASIL, 2010), não cabendo a ele a responsabilidade de ensinar os conteúdos científicos ao aluno Surdo, contudo, podendo orientar tanto o professor da sala comum quanto o da sala de recursos, para que juntos possam somar seus conhecimentos em prol do desenvolvimento desse educando.

O DESENHO UNIVERSAL DA APRENDIZAGEM NO LETRAMENTO DE ESTUDANTES SURDOS

Além de pensar em uma prática pedagógica coletiva, cabe a nós, enquanto comunidade escolar, refletir coletivamente acerca do contexto sócio-histórico, político e cultural no qual a escola está inserida. Bem como, sobre quem são os estudantes, como eles aprendem, e quais as práticas a serem desenvolvidas, recursos pedagógicos devem ser utilizados e instrumentos avaliativos mais adequados.

Vale compreender que as práticas pedagógicas para acesso ao currículo escolar devem estar adequadas ao contexto atual da diversidade da sala de aula, ressaltando que “uma ‘escola para todos’ não significa a mesma escola para todos” (SOUZA; GOMES, 2019, p. 261), as práticas precisam ser plurais, possibilitando uma equidade no processo de letramento de todos os estudantes.

Dessa forma, a escola de hoje é ainda mais heterogênea, por questões socioeconômicas, culturais, linguísticas, gêneros, raças e por ser um espaço frequentado também por EPAEE, portanto, uma instituição de público heterogêneo que, no entanto, tende a utilizar uma prática pedagógica homogênea.

Mas, entendemos que esta prática, consiste em paradigma a ser superado, visto que “privilegia determinadas formas de aprender, e todos que dela se distanciam, de alguma maneira, vivenciam maiores enfrentamentos para acessar o conhecimento” (BOCK; GESSER; NUERNBERG, 2018, p. 144), nisso o estudante Surdo por ser usuário de uma língua diferente da utilizada no processo de instrução na sala comum, tende a não receber uma mediação direta do professor regente, sendo equivocadamente identificado como o aluno do intérprete por ser o profissional que interage e se comunica diretamente com o aluno Surdo.

Enfatizamos que, “dependendo da maneira que o professor organiza sua prática pedagógica ele promoverá ou não o acesso à aprendizagem dos discentes” (PRAIS; VITALIANO, 2018, p. 50), pois a aprendizagem não depende apenas do interesse ou habilidades do estudante, é imprescindível que o ambiente escolar seja propício ao seu desenvolvimento.

Nesse interim, para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça de forma favorável aos estudantes, as práticas docentes necessitam estarem alinhadas às necessidades e habilidades de cada indivíduo, que de acordo com CAST (2011 apud PRAIS; VITALIANO, 2018, p. 55) devem possibilitar

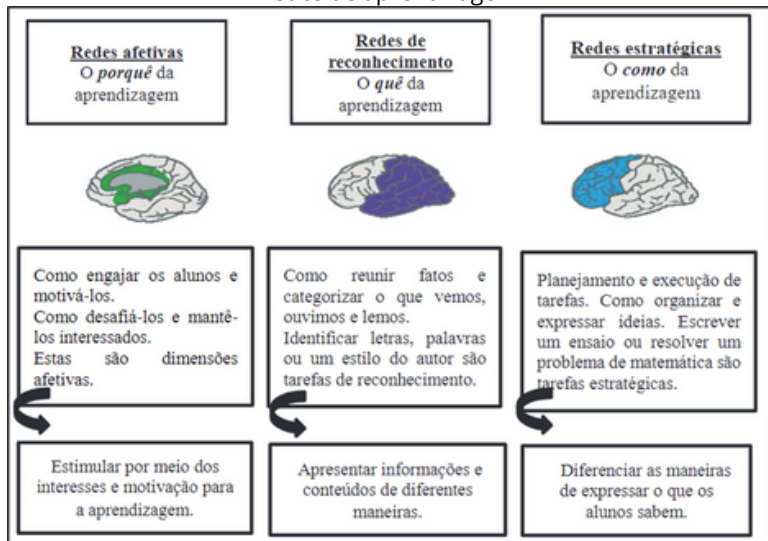
múltiplas formas de apresentação do conteúdo, de ação e expressão do conteúdo pelo aluno, proporcionar vários modos de aprendizagem e desenvolvimento organizados pelo professor para os alunos e promover a participação, o interesse e o engajamento na realização das atividades pedagógicas.

Para que o professor da disciplina de Língua Portuguesa construa práticas acessíveis a todos os estudantes, é indispensável que esteja em diálogo com outros profissionais, que lhe trará outros olhares e práticas, portanto, se reafirma a necessidade que esses profissionais construam, desenvolvam e avaliem suas ações em conformidade com o Ensino Colaborativo.

Acrescentamos mais um apoio especializado que sinalizamos como essencial para a educação de alunos com surdez, trata-se do Desenho Universal da Aprendizagem (DUA). Este se apresenta como uma ferramenta que pode estar auxiliando no planejamento, elaboração e implementação de práticas acessíveis a todos os estudantes em uma turma heterogênea (CAPELLINE; ZERBATO, 2019).

Zerbato e Mendes (2018, p. 151) apresentam os princípios que regem o DUA, conforme a imagem a seguir:

Figura 4: Estratégias do desenho universal para aprendizagem alinhadas às redes de aprendizagem



Fonte: Zerbato e Mendes (2018, p. 151)

O engajamento, que consiste nos professores pensarem em diversos meios e/ou atividades que possam incitar o interesse do aluno pelo conhecimento; a representação, que é a diversidade de recursos utilizados pelos professores para apresentar os conteúdos, de modo a possibilitar ao aluno transformar as informações em conhecimentos significativos; e a ação e expressão, que equivale as múltiplas formas que os professores elaboram para avaliar as aprendizagens do aluno.

Isto posto, pontuamos novamente que é indispensável o Coensino entre os professores envolvidos no planejamento, execução e avaliação do processo de letramento dos alunos na sala comum.

Diante desse contexto, o DUA se apresenta como uma ferramenta importante no desenvolvimento de práticas pedagógicas dos professores da disciplina de Língua Portuguesa, pois “visa a acessibilidade ao conhecimento por todos os alunos, uma vez que pressupõe que todos os indivíduos são diferentes e possuem estilos e maneiras variadas de aprender” (ZERBATO, 2018, p. 53) e a escola precisa considerar essa pluralidade de aprendizagens, por meio de estratégias metodológicas, recursos didáticos e avaliativos que possibilitem o letramento de todos os estudantes.

Importa especificar que o planejamento das atividades educacionais nas escolas regulares que têm alunos Surdos incluídos, precisa ser realizado pensando em todos os alunos, sem haver necessidade de um Plano Educacional Individualizado (PEI)[2] para o Surdo, “pois ao invés de se pensar numa adaptação específica para um estudante em particular, em determinada atividade, pensa-se em formas diferenciadas de ensinar o currículo para todos os estudantes” (ZERBATO, 2018, p. 56).

No que se referem às estratégias diferenciadas para o estudante Surdo tem que serem pautadas em uma perspectiva visual de ensino, o que não impedirá o processo educativo dos demais alunos, pelo contrário, poderão auxiliar também nas aprendizagens dos alunos ouvintes que têm uma compreensão do conhecimento mais visual.

Nessa linha de pensamento de Zerbato (2018), os professores, nas suas aulas, precisam buscar diferentes recursos de ensino tais como: jogos, brincadeiras, pesquisas na internet, artigos científicos, jornais, livros, revistas, atividades teóricas e práticas,

[2] O PEI tem como objetivo construir práticas de ensino contextualizadas a partir do nível, habilidades e especificidade do estudante, sem que isso minimize ou empobreça o acesso aos conteúdos e objetivos da disciplina. Esse plano deve ser periodicamente avaliado e revisado (PLETSCH; GLAT, 2013).

aulas expositivas e dialogadas com o apoio de imagens, slides com informações sucintas e multimídias (documentários, filmes, músicas, vídeos e etc) com legenda ou janela do intérprete. Quanto à avaliação, de forma processual e formativa, com instrumentos diversos e se necessário flexibilização, não se limitando a uma prova escrita em um determinado dia.

Quando os professores propiciam ambientes educacionais em que as informações são apresentadas por meio de diferentes linguagens, permitirá que todos os alunos tenham acesso a essas informações, visto que alguns estudantes aprendem melhor quando escrevem, outros lendo, ouvindo, fazendo, falando, “e quanto mais forte for determinada preferência, mais importante será atendê-la, para se obter maior eficácia no processo de ensino e aprendizagem” (SCHMITT; DOMINGUES, 2016, p. 364). Quanto ao estudante Surdo, sua melhor habilidade costuma ser a visual, então, as práticas no letramento em Língua Portuguesa precisam ser coerentes a essa especificidade.

Nesse contexto diverso, alinha-se a compreensão do que inferem Bock, Gesser e Nuernberg (2018, p. 150), em seus estudos analisaram que o “DUA destina-se a projetar o currículo para contemplar todos os alunos com estilos de aprendizagem, níveis de habilidades, origens e preferências diferentes” (BOCK; GESSER; NUERNBERG, 2018, p. 150). Isto porque cada estudante é um sujeito singular que tem a sua forma de como melhor aprender, portanto, as práticas pedagógicas não podem se limitar a uma metodologia de aula oral e expositiva e que práticas tradicionais sejam apenas transpostas de forma tecnológica, por exemplo, fazer uso de slides cheios de informações e apenas repassá-las sem que os alunos interajam com o objeto do conhecimento, recebendo informações de maneira acrítica.

Consubstancia-se que os professores em um contexto heterogêneo de ensino-aprendizagem precisam ter práticas pedagógicas, que conforme Bock, Gesser e Nuernberg (2018, p. 145)

apresentam perspectivas que possibilitam minimizar as barreiras no percurso acadêmico de estudantes com e sem deficiência, não hierarquizando ou privilegiando um único modo de aprender e, com isso, criando ambientes de aprendizagem flexíveis para estudantes e docentes.

Tais práticas se tornam possíveis quando há um trabalho colaborativo entre os profissionais que atuam diretamente com o estudante Surdo, criando “condições de acesso à informação para

todos e sim promover mudanças no processo de ensino e de aprendizagem, ou seja, uma ‘pedagogia acessível’” (SONDERMANN; ALBERNAZ; BALDO, 2013, p. 300 apud PRAIS; VITALIANO, 2018, p. 64), uma pedagogia colaborativa e inclusiva.

Os professores ao utilizarem o DUA contemplando diferentes estratégias para ensinar e avaliar “os estudantes se envolvem e se comprometem mais com a aprendizagem quando as metas de aprendizagem e o porquê de cada atividade a ser desenvolvida ficam evidentes, ou seja, há um maior engajamento” (BOCK; GESSER; NUERNBERG, 2018, p. 153).

Esse envolvimento com a aprendizagem se dá porque os alunos se sentem sujeitos ativo-críticos pertencentes ao contexto educacional no qual estão inseridos, sentimento que para os estudantes Surdos há uma dificuldade em construir, visto que a escola costuma se apresentar com práticas ouvintistas, que desconsidera a diferença cultural, linguística e identitária desses estudantes.

Portanto, o DUA, “auxilia os educadores e demais profissionais na adoção de objetivos de aprendizagem adequados, escolhendo e desenvolvendo materiais e métodos eficientes para a elaboração de formas mais justas e aprimoradas de avaliar o progresso de todos os estudantes” (ZERBATO, 2018, p. 56), pois, a comunidade escolar é plural e, por assim ser devemos enquanto profissionais da educação em um contexto de diversidade construir práticas pedagógicas inclusivas.

À vista das discussões realizadas, a escola regular de perspectiva inclusiva, se constitui como um espaço plural, necessitando de práticas de ensino diversas para que se possibilite um bom desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem do aluno por meio do Desenho Universal de Aprendizagem (DUA), pensado, desenvolvido e avaliado em uma concepção de Ensino Colaborativo.

Conforme exposto, no que se refere ao Ensino Colaborativo e no Desenho Universal da Aprendizagem, apresentaremos a seguir propostas de atividades nessas perspectivas, envolvendo a diversidade de suportes, tipos, gêneros textuais para auxiliar as práticas de letramento em Língua Portuguesa em salas com estudantes Surdos no Ensino Médio regular.

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA O LETRAMENTO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTUDANTES SURDOS DO ENSINO MÉDIO

Nesse capítulo, apresentamos algumas sugestões de atividades na perspectiva do Ensino Colaborativo, que possam auxiliar os professores da disciplina de Língua Portuguesa e da Sala de Recursos Multifuncionais, bem como a figura colaborativa do Tradutor/Intérprete de Libras, que estão envolvidos diretamente no processo de letramento de Língua Portuguesa com estudantes Surdos no Ensino Médio regular de perspectiva inclusiva.

Ressaltamos que, as propostas de atividades apresentadas podem e devem, se necessário, serem adaptadas à realidade da sala de aula a qual serão utilizadas. São possibilidades norteadoras flexíveis, em que as indicações de temas e obras podem ser alteradas sem haver perda pedagógica.

As atividades foram pensadas a partir das dificuldades e habilidades apresentadas pelos alunos Surdos que se encontram no Ensino Médio, outras adaptadas a partir das práticas utilizadas pelas professoras da Sala de Recursos Multifuncionais.

Desta forma, se propõe possibilitar situações de letramento com a diversidade de tipos e gêneros textuais, possibilitando aos estudantes, em especial aos Surdos, que compreendam a Língua Portuguesa usando-a em situações reais, de forma contextualizada, com recursos e estratégias acessíveis, por meio de múltiplas linguagens de interação e expressão com o objeto do conhecimento conforme o Desenho Universal da Aprendizagem (DUA).

A escolha por esses gêneros se deu pela familiaridade e uso mais comum dos estudantes Surdos, de forma que os professores podem estar utilizando-os como ponto de partida para inseri-los com linguagens mais complexas conforme exigidos para a série.

Nessa perspectiva, se propões ao passo que se criem eventos de letramento com práticas sociais de leitura e escrita por meio de uma diversidade de tipologias e gêneros textuais, abordando também os aspectos linguísticos e gramaticas da Língua Portuguesa, de maneira a aprender a língua usando-a no cotidiano.

3.1 GÊNERO ANEDOTA/PIADA



As piadas são gêneros textuais que podem conter uma linguagem figurada, permeada de metáforas ou expressões idiomáticas, sendo necessária explorá-las para um melhor entendimento do aluno Surdo acerca desse conteúdo, visto que apresentam em alguns momentos dificuldades em compreender essa figura de linguagem utilizada no dia a dia.

Além disso, as anedotas ou piadas nos possibilita levantar discussões relacionadas ao preconceito, discriminação, capacitismo e machismo presentes em nossa estrutura social, reproduzidas e repassadas por meio desse gênero textual.

Portanto, “espera-se que os leitores/fruidores possam também reconhecer na arte formas de crítica cultural e política, uma vez que toda obra expressa, inevitavelmente, uma visão de mundo e uma forma de conhecimento, por meio de sua construção estética” (BNCC, 2018, p. 523), exigindo um sujeito crítico-reflexivo no uso de diferentes linguagens.

As piadas para a Comunidade Surda, fazem parte dos seus artefatos culturais, onde são expressas dificuldades e/ou vitórias, de diversas experiências vivenciadas pelo povo Surdo. Além de que, “informam e reforçam ideias coletivas (de grupos de surdos), e várias opiniões sobre temas sociais” (SILVA, 2017, p. 282).

A autora (2017, p. 278), acrescenta ainda que “piada surda é uma brincadeira, um jogo simples e direto. Ela motiva a curiosidade na comunidade surda. A piada surda também provoca a pessoa ouvinte a ter atenção no surdo, querer compartilhar com o surdo, querer aprender e entender o mundo surdo”.



3.1 GÊNERO ANEDOTA/PIADA

PLANO DE AULA



TEMA

Analizando criticamente as anedotas/piadas



TEMPO

2 aulas

COMPETÊNCIA



Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

HABILIDADES



(EM13LGG102) Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando suas possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica da/na realidade.

OBJETIVO ESPECÍFICO



Discutir crítico-reflexivamente acerca do preconceito, discriminação, capacitismo e machismo presentes em anedotas/piadas.

3.1 GÊNERO ANEDOTA/PIADA

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

ESTRATÉGIA DE ENGAJAMENTO



Sondar o que os alunos já sabem a respeito do que sejam anedotas ou piadas;

Os professores, em seguida, explicarão o que é o gênero, suas características e objetivo.

APRESENTAÇÕES DO CONTEÚDO



Discussão coletiva sobre piadas e termos preconceituosos, discriminatórias e capacitistas (Fazerem uma análise sociohistórica, política, econômica, gênero, sexual, raça, capacitista e religiosa) partindo dos materiais a seguir: piadas racistas ([reportagem](#), [vídeo 1](#), [vídeo 2](#)), piadas homofóbicas ([artigo](#), [reportagem](#), [vídeo](#), [imagem](#)), piadas capacitistas ([vídeo 1](#), [vídeo 2](#)), piadas machistas ([piadas](#), [vídeo](#)).

Posteriormente, apresentar as piadas próprias da [Comunidade Surda](#), abordando a perspectiva dos artefatos e vivência desse povo.

AÇÃO E EXPRESSÃO DA APRENDIZAGEM



PARA CASA: os alunos farão uma produção textual sobre o tema trabalhado. Quanto à escolha do gênero textual é livre, podendo conter também linguagem não-verbal durante a produção.

3.1 GÊNERO ANEDOTA/PIADA



RECURSOS DIDÁTICOS

Datashow, imagens, internet, materiais impressos, notebook e/ou texto escrito.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC: 2018.

SILVA, Joelma Diniz. Piada surda: estratégia cultural e pedagógica. INES: Revista Espaço, Rio de Janeiro, nº 47, jan-jun, 2017.

3.2 GÊNEROS: ANÚNCIO, ENTREVISTA, NOTÍCIA, PROPAGANDA E RECEITA CULINÁRIA

Com essa atividade, propomos explorar gêneros textuais que compõem um jornal, estimulando o uso e a compreensão de diferentes linguagens e estratégias de produção jornalística.



Pois, de acordo com a BNCC (2018), é necessário que os estudantes tenham a possibilidade de ter contato com a leitura e escrita dos gêneros da esfera jornalística, suas fontes, veículos e mídias, desenvolvendo sua autonomia, pensamento crítico-reflexivo e debates com ética e respeito.

Acrescenta que, “trata-se também de compreender as formas de persuasão do discurso publicitário e o apelo ao consumo, incluindo discussões sobre as formas contemporâneas de publicidade utilizadas nas várias mídias e ambientes digitais” (BNCC, 2018, p. 518), no contexto da Ciberultura, em que as mídias sociais têm exercido grande influência na forma de pensar e agir dos indivíduos.



Por fim, com essa atividade se permitirá que os estudantes usufruam de contextos colaborativos na coleta dos fatos relevantes socialmente, “por meio de coberturas diretas, entrevistas, levantamentos de dados e afins, e tratamento e divulgação de informações sobre esses fatos, utilizando ferramentas de escrita colaborativa e de curadoria e agregadores de conteúdos” (BNCC, 2018, p. 520).

3.2 GÊNEROS: ANÚNCIO, ENTREVISTA, NOTÍCIA, PROPAGANDA E RECEITA CULINÁRIA

PLANO DE AULA



TEMA

Jornal do Bairro



TEMPO

4 aulas

COMPETÊNCIAS

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.



3.2 GÊNEROS: ANÚNCIO, ENTREVISTA, NOTÍCIA, PROPAGANDA E RECEITA CULINÁRIA

HABILIDADES

(EM13LGG101) Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos.

(EM13LGG303) Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões, para formular, negociar e sustentar posições, frente à análise de perspectivas distintas.

(EM13LGG702) Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital.

(EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.



OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Discutir reflexivamente sobre o contexto sociohistórico, político, cultural e identitário do espaço geográfico em que os estudantes estão inseridos;

Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais;

Compreender quais são as características dos gêneros textuais que compõem um jornal.



3.2 GÊNEROS: ANÚNCIO, ENTREVISTA, NOTÍCIA, PROPAGANDA E RECEITA CULINÁRIA

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

ESTRATÉGIA DE ENGAJAMENTO

Sondar o que os alunos já sabem a respeito de cada gênero que compõe o jornal.

Os professores explicarão o que é um jornal, suas linguagens, as características dos gêneros que o compõe;

A turma será dividida em 9 (nove) estações de aprendizagens, cada uma responsável por uma seção que irá compor o jornal.



SEÇÕES DO JORNAL

MANCHETE	Uma notícia muito importante do bairro que virá em destaque na primeira página.
ESPORTE	Notícia relacionada ao contexto esportivo do bairro ou escola.
ANÚNCIO PUBLICITÁRIO	Propaganda de um produto, serviço ou marca relevante no bairro.
ENTRETENIMENTO	Notícia ou jogos utilizados no contexto diário dos moradores do bairro, que tem o objetivo de entreter, divertir e/ou distrair
GASTRONOMIA	Ensinar alguma receita culinária própria do bairro.
ECONOMIA	Notícias do bairro relacionadas ao contexto financeiro.
SINÓPSE	Resumo sobre um livro, documentário, filme, entre outros, o qual os moradores do bairro mais gostem.
ENTREVISTA	Diálogo entre duas ou mais pessoas do bairro sobre um assunto considerado relevante. Para isso utilizando-se de perguntas para obter informações sobre um determinado assunto.
POLÍTICA	Notícias sobre algum assunto que envolvem o bairro e o contexto político.

Fonte: adaptado do Printerst



3.2 GÊNEROS: ANÚNCIO, ENTREVISTA, NOTÍCIA, PROPAGANDA E RECEITA CULINÁRIA

APRESENTAÇÕES DO CONTEÚDO

Cada grupo discutirá sobre quais informações deverá constar no elemento que irá compor o jornal;

Questões norteadoras sobre o bairro em que moram: Qual o bairro que vocês moram? Quais os fatos mais importantes sobre o bairro de vocês? Quais os acontecimentos mais recorrentes? O que tem no bairro de vocês? Quais os empreendimentos mais comuns? Quem são os sujeitos que moram no bairro, suas características? Quais os tipos de comida mais comuns?.

EM SALA DE AULA / SALA DE INFORMÁTICA: momento de discussão, seleção do tema e pesquisa e levantamento de dados.

PARA CASA: pesquisa de campo e coleta de informações referentes ao bairro necessárias para a produção da seção do grupo.

AÇÃO E EXPRESSÃO DA APRENDIZAGEM

Na Sala de Informática os alunos trabalharão juntos com os professores a redação, revisão dos textos e edições do jornal, para posterior divulgação.

Ferramenta para edição: Canva ([site](#) e [vídeo](#)).



3.2 GÊNEROS: ANÚNCIO, ENTREVISTA, NOTÍCIA, PROPAGANDA E RECEITA CULINÁRIA



RECURSOS DIDÁTICOS

Caderno de anotações, computadores, Datashow, imagens, internet, materiais impressos, receitas culinárias, roteiros de entrevista, observação e vídeos.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC: 2018.

PRINTEREST. O jornal. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/77827899797141627/>. Acesso em: 28.set.2022.

3.3 GÊNERO BIOGRAFIA



O trabalho com o gênero biografia, permitirá ao estudante por meio do contato com histórias de vida refletir e compreender os aspectos sociohistóricos, culturais e linguísticos envolvidos, estimulando a capacidade criativa, cronológica e reflexiva sobre a história de vida do outro e a sua.

Possibilitar que o aluno produza a sua autobiografia, estimulará o seu reconhecimento enquanto sujeito de um determinado contexto social de dado período histórico. Nesse interim, ao compartilhar sua história de vida apresentará seus “gostos e interesses, de forma a oportunizar vivências, situações de partilha (e de trato com o diferente) (BNCC, 2018, p. 510).



Permitir que o educando apresente a sua autobiografia utilizando diferentes linguagens, promoverá o “trato e vivência com produções culturais e artísticas, cujo interesse e gosto se mostrem constituídos, como também experimentação de novas possibilidades” (BNCC, 2018, p. 511).

3.3 GÊNERO BIOGRAFIA

PLANO DE AULA



TEMA

Nossas histórias



TEMPO

3 aulas

COMPETÊNCIAS

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

3.3 GÊNERO BIOGRAFIA

PLANO DE AULA

HABILIDADES

(EM13LGG103) Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais).

(EM13LGG201) Utilizar as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

(EM13LGG203) Analisar os diálogos e os processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e em suas produções (artísticas, corporais e verbais).

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais, individuais e coletivos, nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Estimular a capacidade criativa, cronológica e reflexiva sobre a sua própria história e a do outro.



3.3 GÊNERO BIOGRAFIA

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS



ESTRATÉGIA DE ENGAJAMENTO

Sondar o que os alunos já sabem a respeito do que seja uma biografia e/ou autobiografia;

Os professores em seguida, explicarão o que é o gênero, suas características e objetivo.



APRESENTAÇÕES DO CONTEÚDO

Apresentação, análises e discussões sobre algumas biografias e autobiografias (site, vídeo e livro).



AÇÃO E EXPRESSÃO DA APRENDIZAGEM

PARA CASA: cada aluno deverá escrever a sua autobiografia.

EM SALA DE AULA: a apresentação da autobiografia poderá ser em Língua Portuguesa escrita ou oral, Libras, Braille, em forma de monólogo, teatro, poesia, slam, música, paródia, texto escrito, entre outros.

3.3 GÊNERO BIOGRAFIA



RECURSOS DIDÁTICOS

Datashow, livro, materiais impressos, notebook e/ou outros recursos solicitados pelos alunos.

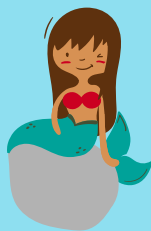


REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC: 2018.

3.4 GÊNEROS LENDAS E HISTÓRIA EM QUADRINHOS

As lendas exploram o imaginário dos sujeitos, possibilitando refletir crenças, valores, contextos sociohistóricos e populares que permeiam as histórias contadas de geração para geração, por meio de linguagens verbais e não-verbais.



O trabalho com esses gêneros se torna relevante, também, pelo fato de muitos alunos não terem ou possuírem conhecimento mínimo sobre. Nessa perspectiva, a (BNCC, 2018, p. 523) versa a necessidade de práticas literárias capazes de resgatar a historicidade dos textos e “seus movimentos de manutenção da tradição e de ruptura, suas tensões entre códigos estéticos e seus modos de apreensão da realidade”.



As lendas exploram o imaginário dos sujeitos, possibilitando refletir crenças, valores, contextos sociohistóricos e populares que permeiam as histórias contadas de geração para geração, por meio de linguagens verbais e não-verbais.

O uso da História em Quadrinhos (HQs), exploram o imaginário, dinamizam o ensino, estimulam à leitura e podem ser fontes de discussões sociohistóricas, políticas, culturais, linguísticas, científicas, entre outras.



3.4 GÊNEROS LENDAS E HISTÓRIA EM QUADRINHOS

PLANO DE AULA



TEMA

Lendas brasileiras e maranhenses



TEMPO

3 aulas

COMPETÊNCIAS

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

Compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

3.4 GÊNEROS LENDAS E HISTÓRIA EM QUADRINHOS

PLANO DE AULA

HABILIDADES

(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

(EM13LGG503) Vivenciar práticas corporais e significá-las em seu projeto de vida, como forma de autoconhecimento, autocuidado com o corpo e com a saúde, socialização e entretenimento.

(EM13LGG601) Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender as crenças, valores, contextos sociohistóricos e populares das lendas;

Valorizar os elementos culturais e tradições populares;

Realizar uma releitura semiótica das lendas, com identificação e uso de linguagens verbais e não-verbais.



3.4 GÊNEROS LENDAS E HISTÓRIA EM QUADRINHOS

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

ESTRATÉGIA DE ENGAJAMENTO



Sondar o que os alunos já sabem a respeito dos gêneros e quais Lendas e Histórias em Quadrinhos conhecem e como tiveram acesso.

Os professores apresentarão alguns gêneros impressos, posteriormente explicarão suas características e objetivos;

Dividir a turma em 4 (quatro) grupos para que possam analisar e discutir sobre o conteúdo.

APRESENTAÇÕES DO CONTEÚDO



Análises e discussões das lendas:

- GRUPO 1: A carruagem de Ana Jansen ([livro](#), [notícia](#), [vídeo 1](#), [vídeo 2](#));
- GRUPO 2: Lenda da Serpente Encantada ([site 1](#), [site 2](#), [vídeo 1](#), [vídeo 2](#));
- GRUPO 3: Lenda do Saci-pererê ([site](#), [vídeo](#));
- GRUPO 4: Lenda da lara ([site](#), [vídeo](#)).

AÇÃO E EXPRESSÃO DA APRENDIZAGEM



A partir das discussões e análises das lendas, cada grupo deverá criar uma História em Quadrinhos com as lendas (fica livre uma releitura e/ou adaptação da obra original).

As histórias deverão ser criadas por meio de desenhos, recortes e/ou colagens. Posteriormente, socializar as HQs com a turma.

3.4 GÊNEROS LENDAS E HISTÓRIA EM QUADRINHOS



RECURSOS DIDÁTICOS

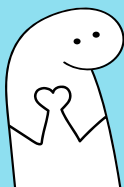
Borrachas, cartolinas, cola, Datashow, hidrocores, imagens, jornais, lápis de cor, livros, notebook, papeis em branco, revistas, tesouras e outros materiais solicitados pelos alunos.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC: 2018.

3.5 GÊNERO MEME



Com a acessibilidade às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) e à rede de internet constitui-se a Cibercultura, impulsionando novas formas de interações, dentre elas o uso dos memes, como linguagem verbal e/ou não-verbal.

Os memes por estarem em evidência diariamente entre as pessoas, em especial em suas redes sociais (dentre elas o whatsapp), podendo ser utilizado para inúmeras discussões sociais, histórica, política, religiosa, gênero, raça, econômicas e entre outras.

O aplicativo WhatsApp, se constitui como uma ferramenta utilizada diariamente pelos indivíduos, inclusive os Surdos, por facilitar a comunicação, seja escrita ou vídeo-chamada em Libras. Assim, sendo uma tecnologia que faz parte do artefato cultural constituinte da Cultura Surda que possibilita acessibilidade da pessoa Surda em diferentes contextos socioculturais.



A facilidade de acesso e uso do aplicativo no celular auxilia para a exequibilidade de atividades de cunho pedagógico no letramento dos estudantes, explorando situações reais do seu contexto, facilitando a orientação do professor nas adequações gramaticais, sintáticas e semânticas necessárias às escritas deles.



Diante do exposto, a BNCC (2018, p. 523), cita a necessidade de o aluno analisar crítico-reflexivamente as obras, podendo “compartilhá-las em redes sociais, na escola e em diálogos com colegas e amigos. Trata-se, portanto, além da apropriação para si, de desfrutar também dos modos de execução das obras, que ocorre com a ajuda de procedimentos de análise linguística e semiótica”.

3.5 GÊNERO MEME

PLANO DE AULA



TEMA

Análise social a partir dos memes



TEMPO

2 aulas

COMPETÊNCIAS

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva

HABILIDADES

(EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico.

(EM13LGG701) Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Analisar crítico-reflexivamente as linguagens verbais e não-verbais que constituem os memes.

3.5 GÊNERO MEME

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

ESTRATÉGIA DE ENGAJAMENTO



Sondar o que os alunos já sabem a respeito do que seja os memes, o que eles costumam abordar, onde encontram, quais os memes que mais gostam, como e porquê compartilham;

Os professores em seguida explicarão o que é o gênero, suas características e objetivo.

APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO

Análise e discussões coletiva dos memes:

Meme 1: discussão sobre as relações de trabalho, renda, entre outras.



Fonte: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/05/dez-memes-que-fizeram-sucesso-no-inicio-das-redes-sociais.ghml>



3.5 GÊNERO MEME

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

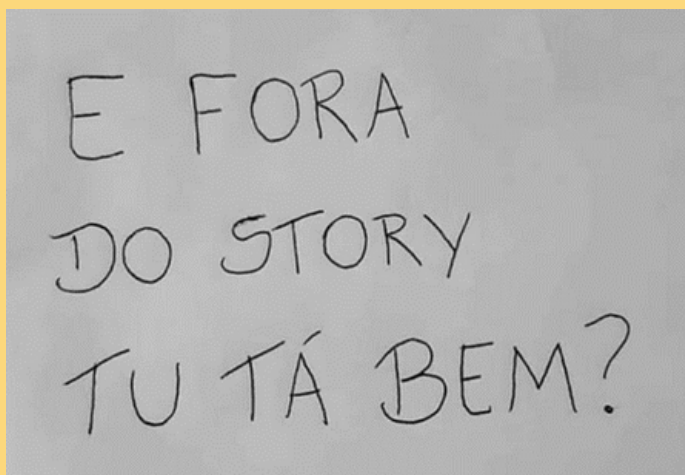
Meme 2: discutir sobre a onda de cancelamento na internet.



Fonte: <https://www.techtudo.com.br/listas/2021/12/relembre-os-16-melhores-memes-que-bombaram-na-internet-em-2021.ghml>



Meme 3: debater sobre a relação entre a vida real e a divulgada na internet.



Fonte: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/05/dez-memes-que-fizeram-sucesso-no-inicio-das-redes-sociais.ghml>

3.5 GÊNERO MEME

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Meme 4: Diferenças culturais, linguísticas entre diferentes gerações

Vídeo: "Tu é millennial" "eu sou jovem"



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=sBNbHTmN8Lg>

AÇÃO E EXPRESSÃO DA APRENDIZAGEM

EM SALA: cada aluno produzirá um texto livre sobre as discussões relacionados aos memes analisados.

PARA CASA: em duplas, os alunos selecionarão um tema e criarão ou farão releitura de algum meme. Posteriormente, criarão um grupo no WhatsApp para socializar os memes criados com toda a turma.

RECURSOS DIDÁTICOS

Celulares, computadores, Datashow, imagens, livro, materiais impressos, vídeo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC: 2018.



3.6 GÊNERO MÚSICA

A música constitui-se como um gênero presente no contexto diário dos indivíduos, formada por uma linguagem muitas vezes metafórica, podemos compreender aspectos socioculturais, históricos, políticos, literário e linguístico de um determinado povo.



É um gênero que permite ao sujeito “formas de crítica cultural e política, uma vez que toda obra expressa, inevitavelmente, uma visão de mundo e uma forma de conhecimento, por meio de sua construção estética” (BNCC, 2018, p. 523). Assim, indispensável o uso de músicas no letramento em Língua Portuguesa, possibilitando ao estudante uma reflexão a respeito da diversidade linguística, criar, exprimir sentimentos, interagir com seus pares e organizar seus pensamentos.

Com o uso de músicas as aulas tornam-se mais dinamizadas e, o uso de paródias permitem trabalhar a intertextualidade (SIMÕES, 2012).



Vale destacar as diferentes relações culturais entre os Surdos e a música, como forma de compreender e sentir o mundo.

3.6 GÊNERO MÚSICA

PLANO DE AULA



TEMA

Análise sociocultural a partir de músicas



TEMPO

3 aulas

COMPETÊNCIAS

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADES

(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

(EM13LGG604) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política e econômica e identificar o processo de construção histórica dessas práticas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Discutir sobre a variedade de ritmos presentes no Brasil;
Analisar a estrutura e o contexto sociocultural e linguístico presente na música.

3.6 GÊNERO MÚSICA

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

ESTRATÉGIA DE ENGAJAMENTO



Sondar o que os alunos já sabem a respeito do que seja a música; discutir sobre os diferentes ritmos musicais no Brasil e o que possibilita isso; quais gêneros musicais os alunos mais gostam; uma música que cada um mais gosta e o porquê.

Os professores em seguida explicarão o que é o gênero, suas características e objetivo.

APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO



Dividir a turma em 6 (seis) grupos, cada um ficará responsável por analisar e discutir uma música (título, autor, ritmo, contexto de criação, rimas e o conteúdo presente na letra. Seguem propostas de músicas:

GRUPO 1: Maranhão, meu tesouro, meu torrão (Humberto Maracanã) ([vídeo](#), [livro](#));

GRUPO 2: Asa Branca (Luiz Gonzaga) ([vídeo](#), [artigo](#));

GRUPO 3: Canção Infantil (César MC) ([vídeo](#), [artigo](#));

GRUPO 4: Minha nega na janela (Germano Mathias) ([vídeo](#), [artigo](#));

GRUPO 5: Cálice (Chico Buarque) ([vídeo](#), [site](#));

GRUPO 6: Flutua (Johnny Hooker) ([vídeo 1](#), [vídeo 2](#), [site](#)).

AÇÃO E EXPRESSÃO DA APRENDIZAGEM



EM SALA DE AULA: após análise das músicas, cada grupo fará uma apresentação para a turma, em forma de seminário.

PARA CASA: sondar o que os alunos já sabem a respeito do que seja uma paródia. Em seguida, explicar as características e objetivos desse gênero. Solicitar que cada grupo crie uma paródia a partir da música analisada e socializar com a turma.

3.6 GÊNERO MÚSICA



RECURSOS DIDÁTICOS

Borrachas, cartolinas, colas, Datashow, hidrocores, imagens, jornais, lápis de cores, livros, notebook, papeis em branco, revistas, tesouras e outros materiais solicitados pelos alunos.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC: 2018.

SIMÕES, Alan Caldas. O gênero paródia em aulas de língua portuguesa: uma abordagem criativa entre letra e música. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758

3.7 GÊNERO POEMA



O gênero poema se apresenta em uma complexidade linguística ao expressar os pensamentos, sentimentos e emoções por meio de suas estrofes e versos, capazes de expressar em diferentes linguagens o concreto e o abstrato.

A partir da análise de um poema podemos discutir questões referentes ao contexto social, cultural, histórico, político, literário e linguístico (significado, sentido das palavras e expressões) expressos no texto de forma implícita ou explícita.



Assim sendo, as práticas de letramento em Língua Portuguesa necessitam de momentos de leitura de obras expressivas que são partes da literatura brasileira “contextualizando sua época, suas condições de produção, circulação e recepção, tanto no eixo diacrônico quanto sincrônico, ficando a critério local estabelecer ou não a abordagem do conjunto de movimentos estéticos, obras e autores” (BNCC, 2018, p. 524).

A BNCC (2018, p. 524) pontua, ainda, a relevância de se “ampliar o repertório de clássicos brasileiros e estrangeiros com obras mais complexas que representem desafio para os estudantes do ponto de vista dos códigos linguísticos, éticos e estéticos”.



Acrescentamos ainda, a necessidade de se abordar a Literatura Surda, valorizando os poetas Surdos e analisando as perspectivas poéticas.

3.7 GÊNERO POEMA

PLANO DE AULA



TEMA

Poesia, sentimentos e vivências



TEMPO

2 aulas

COMPETÊNCIAS

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADES

(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

(EM13LGG604) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política e econômica e identificar o processo de construção histórica dessas práticas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Analisar de maneira sensível, crítica e reflexiva um poema;
Desenvolver habilidades de sensibilidade, criação e artística.

3.7 GÊNERO POEMA

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

ESTRATÉGIA DE ENGAJAMENTO



Sondar o que os alunos já sabem a respeito do que seja um poema e se conhecem algum poeta;

Solicitar aos alunos declamem poemas que conheçam;

Os professores em seguida, explicam o que é o gênero, suas características e objetivo.

APRESENTAÇÕES DO CONTEÚDO



Leitura e discussão coletiva:

- Biografia do poeta maranhense Gonçalves Dias;
- Poema "Canção do Exílio";

Analisar as características estruturais, número de estrofes, número de versos por estrofe, esquema rimático nas estrofes e tipo de rima, métrica dominante, escola literária, contexto sociohistórico, linguagem – significado, sentido das palavras e expressões.

Os professores poderão apresentar e analisar com os alunos poetas e poesias surdas.

AÇÃO E EXPRESSÃO DA APRENDIZAGEM



Produção textual coletiva de um poema que fale sobre contexto sociocultural e histórico o qual estão inseridos, em uma linguagem utilizada pelos alunos.

3.7 GÊNERO POEMA



RECURSOS DIDÁTICOS

Datashow, livro, materiais impressos, notebook, papéis, vídeos.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC: 2018.

3.8 GÊNEROS: RECEITA MÉDICA E BULA DE MEDICAMENTOS

O processo de comunicação no contexto da saúde, por apresentar em alguns momentos uma linguagem técnica própria, tende a dificultar o entendimento daqueles que não trabalham na área.



Desse modo, explorar nas aulas de Língua Portuguesa os gêneros textuais que fazem parte da área da saúde, apresenta-se como possibilidades de contato e desenvolvimento de habilidades necessárias para que o aluno consiga compreender a linguagem em uso.

Permitindo ao sujeito “conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas” (BNCC, 2019, p. 10), progredindo significativamente no processo de comunicação e cuidados com a saúde.



3.8 GÊNEROS: RECEITA MÉDICA E BULA DE MEDICAMENTOS

PLANO DE AULA



TEMA

Linguagem e Saúde



TEMPO

2 aulas

COMPETÊNCIA



Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

HABILIDADES



(EM13LGG101) Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS



Analisar a linguagem utilizada no contexto da saúde;
Identificar os gêneros textuais que compõem o contexto da saúde, compreendendo e fazendo uso adequado.

3.8 GÊNEROS: RECEITA MÉDICA E BULA DE MEDICAMENTOS

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

ESTRATÉGIA DE ENGAJAMENTO



Convidar algum médico ou enfermeiro para participar do “bate-papo com o especialista”, em que os alunos farão perguntas que considerem pertinentes à área de especialidade do convidado.

Discutir sobre a importância de atividades físicas, alimentação saudável, drogas (lícitas e ilícitas), exames médicos regulares, automedicação e etc.



APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO

Apresentar os gêneros receita e bula de medicamentos, suas características e objetivos. Analisar a linguagem e o uso dos gêneros textuais receita e bula de medicamento (levadas pelos alunos).

AÇÃO E EXPRESSÃO DA APRENDIZAGEM

A Sala de Informática estará organizada em 4 (quatro) Estações Avaliativas. Em duplas, os alunos deverão passar por cada uma resolvendo o jogo proposto, a exemplificar:

- 1 - “Toda prescrição medica deve conter”;
- 2 - “Saúde e Bem-estar”,
- 3 - “Caça-palavras: bula de remédio”;
- 4 - “As partes da bula”.



3.8 GÊNEROS: RECEITA MÉDICA E BULA DE MEDICAMENTOS



RECURSOS DIDÁTICOS

Bulas de medicamentos, computadores, Datashow, jogos online e receituário médico.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC: 2018.

3.9 GÊNERO REDAÇÃO ESCOLAR



O texto dissertativo-argumentativo apresenta-se como um gênero textual em que o estudante precisa defender seu ponto de vista acerca de um determinado tema utilizando argumentos persuasivos.

Trabalhar com esse gênero é de suma importância com os alunos que se encontram no Ensino Médio, por se configurar como a etapa final da Educação Básica em que estão se preparando para o ingresso ao Ensino Superior, e para tal, as provas de seleção exigem a produção escrita de redações partindo do tema selecionado pela Instituição de Ensino Superior.

Para a construção de textos relacionados a esse gênero se incita o estímulo a pesquisas por busca de informações significativas a respeito de um determinado tema, sendo indispensável o “desenvolvimento de habilidades relacionadas ao recorte de questões de pesquisa, coleta de dados/busca de informação, tratamento de dados e informações e socialização do conhecimento produzido” (BNCC, 2018, p. 515).

Vale destacar que as práticas de letramento em Língua Portuguesa devem “propiciar aos estudantes experimentar diferentes tipos de pesquisa, inclusive articuladas com atividades de outras áreas do conhecimento e com projetos de livre escolha” (BNCC, 2018, p. 516), tratando de temas em uma perspectiva interdisciplinar.

Nesse contexto, não podemos ser ou fomentar a formação de um aluno alienado às “pós-verdade”, e sim, que possam durante a sua argumentação/opinião considerar os fatos objetivos (BRASIL, 2018), analisando criticamente as fontes em que as informações estão veiculadas na internet, de modo a identificar fake news.



3.9 GÊNERO REDAÇÃO ESCOLAR

PLANO DE AULA



TEMA

Análise e produção textual sobre o contexto atual



TEMPO

3 aulas

COMPETÊNCIAS

Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

HABILIDADES

(EM13LGG303) Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões, para formular, negociar e sustentar posições, frente à análise de perspectivas distintas

(EM13LGG302) Posicionar-se criticamente diante de diversas visões de mundo presentes nos discursos em diferentes linguagens, levando em conta seus contextos de produção e de circulação

3.9 GÊNERO REDAÇÃO ESCOLAR

PLANO DE AULA



HABILIDADES

((EM13LGG704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS



Analisar discursivamente os acontecimentos vivenciados no contexto atual;

Desenvolver o hábito de ler e escrever em Língua Portuguesa de forma crítico-reflexiva;

Aprimorar a pesquisa de fonte de informações sobre um dado assunto.

3.9 GÊNERO REDAÇÃO ESCOLAR

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS



ESTRATÉGIA DE ENGAJAMENTO

Solicitar que os alunos levanten alguns temas atuais que considerem relevantes para discussão.

Desses temas, escolher 3 (três) para que sejam realizadas “rodas de conversa”.



APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO

Os professores apresentarão o gênero redação (conceituar o gênero, a estrutura e objetivo).

Posteriormente apresentarão e analisarão com os alunos algumas redações que tiraram notas máximas nos últimos Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Em seguida, os professores abrirão uma discussão sobre “pós-verdade, fake news e fake ethics”.

Dentre um dos 3 (três) temas discutidos na roda de conversa, cada aluno selecionará um para fazer levantamento de dados sobre o tema (artigos científicos, lives com especialistas, livros, sites oficiais/confiáveis, revistas, entre outras fontes).



AÇÃO E EXPRESSÃO DA APRENDIZAGEM

Após levantamento e análise dos dados sobre o tema escolhido, o aluno partirá para a produção textual.

Os professores farão a avaliação de cada redação, posteriormente darão o feedback para a turma.

3.9 GÊNERO REDAÇÃO ESCOLAR



RECURSOS DIDÁTICOS

Artigos científicos, canetas, celulares, computadores, Datashow, livros, papéis em branco, revistas e vídeos.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC: 2018.

3.10 GÊNERO REGIMENTO ESCOLAR

A linguagem do contexto jurídico não é de uso comum no contexto diário dos estudantes da Educação Básica, dificultando em alguns aspectos a sua compreensão, assim, são indispensáveis eventos de letramento em Língua Portuguesa que incitem o uso dessa linguagem.



Além disso, a BNCC orienta que o contato dos alunos na “leitura/escuta e produção de textos pertencentes a gêneros relacionados à proposição, debate, aprovação e implementação de propostas e projetos de lei, à defesa e reclamação de direitos e à elaboração de projetos culturais e de intervenção de diferentes naturezas” (BNCC, 2018, p. 512).

Assim sendo, o gênero regimento se configura como necessário a ser empregado no processo de letramento, por suscitar reflexões e o contato com uma linguagem específica, refletir sobre a criação e estabelecimento de regras, a respeito dos direitos e deveres pertencentes aos sujeitos de um determinado contexto.

3.10 GÊNERO REGIMENTO ESCOLAR

PLANO DE AULA



TEMA

Linguagem, direitos e deveres



TEMPO

2 aulas

COMPETÊNCIAS

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

HABILIDADES

(EM13LGG101) Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos.

(EM13LGG304) Formular propostas, intervir e tomar decisões que levem em conta o bem comum e os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Analisar a linguagem utilizada no contexto judiciário;
Refletir sobre a criação e estabelecimento de regras, acerca dos direitos e deveres pertencentes aos sujeitos de um determinado contexto.

3.10 GÊNERO REGIMENTO ESCOLAR

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

ESTRATÉGIA DE ENGAJAMENTO



Apresentar aos alunos exemplares de algumas Leis (Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente, Estatuto da Pessoa com Deficiência, Estatuto de Igualdade Racial, Lei e Decreto da Libras, Lei do Intérprete de Libras, Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional), livros, jornais, revistas, regimentos entre outros tipos e portadores de texto com linguagem jurídica.

Solicitar que os alunos analisem esses materiais e a linguagem utilizada, se é compreensível por eles, o que abordam e outros questionamentos pertinentes.

APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO



Os professores explicarão sobre o gênero regimento, suas características e objetivo.

Analisar coletivamente o Regimento da Escola.

AÇÃO E EXPRESSÃO DA APRENDIZAGEM



Criar, em grupo, a partir do regimento da Escola, um regimento interno da sala de aula.

Nesse regimento pode conter: regras relacionadas a entrada e saída; vestuário adequado; realização e correção das atividades; uso de celulares; respeito ao próximo; entre outros itens julgados relevantes para a dinâmica e relações dentro da sala de aula.

O documento deverá ser digitado no Word, assinado pelos alunos, salvo em PDF e disponibilizado no grupo da turma e/ou impresso.

3.10 GÊNERO REGIMENTO ESCOLAR



RECURSOS DIDÁTICOS

Datashow, jornais, livros, materiais impressos, notebook, revistas, vídeos.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC: 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir as práticas de letramento em Língua Portuguesa voltadas para o aluno Surdo do Ensino Médio em uma escola regular de perspectiva inclusiva, consiste em analisar todo um contexto sociohistórico, político, cultural, linguístico e identitário que permeiam a sala comum.

Partimos do pressuposto de que o letramento corresponde às práticas sociais em que a leitura e a escrita se fazem necessárias para a comunicação entre os sujeitos, compreensão e expressão no mundo, sendo assim, não se esgota no ambiente escolar, pelo contrário, está presente em todos os contextos vivenciados pelos alunos.

A construção de eventos de letramento que atenda às necessidades da escola regular atual perpassa por um Ensino Colaborativo, em que os professores envolvidos no processo de letrar os alunos compartilhem entre si seus conhecimentos, potencializando-os.

Assim sendo, é indispensável uma prática colaborativa entre os professores da sala regular e de recursos e, não podemos desconsiderar o papel do Tradutor/Intérprete de Libras, para melhorar o desenvolvimento de práticas heterogêneas e acessíveis para o engajamento, apresentação do conteúdo, ação e expressão do conhecimento pelos alunos surdos, isto é, práticas equitativas em conformidade à abordagem do Desenho Universal da Aprendizagem.

Portanto, se almeja que esse e-book possibilitar aos professores refletirem sobre suas práticas, identificando a necessidade de novas ações no letramento em Língua Portuguesa voltadas ao desenvolvimento principalmente do estudante Surdo, visto que além do uso da Libras é substancial que possibilitem diversidade de tipos e gêneros textuais, metodologias acessíveis e ativas.

REFERÊNCIAS

ARIAS, L. G. Trabajo colaborativo y codocencia: una aproximación a la inclusión educativa. Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa, v. 5, e2015321, p. 1-14, 2020.

BOCK, G. L. K.; GESSER, M.; NUERNBERG, A. H. Desenho universal para aprendizagem: a produção científica no período de 2011 a 2016. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 24, n. 1, p. 143-160, jan-mar., 2018.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; ZERBATO, Ana Paula. O que é o Ensino Colaborativo?. 1ª Ed. São Paulo: Edicon, 2019.

COSTA, Jesuíta de Oliveira. Afetividade e aprendizagem: memorial de formação. Campinas, SP, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=41147&opt=4>. Acesso em: 08.mar.2021.

MARIN, Márcia; BRAUN, Patrícia. Ensino colaborativo como prática de inclusão escolar. In: GLAT, Rosana; PLETSCH, Márcia Denise. Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades Especiais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PRAIS, J. L. S.; VITALIANO, C. R. Contribuições do Desenho universal para a aprendizagem ao planejamento do processo de ensino na perspectiva inclusiva. In: PAPIM, A. A. P.; ARAUJO, M. A.; PAIXÃO, K. M. G.; SILVA, G. F. (Org.) Inclusão escolar: perspectivas e práticas pedagógicas contemporâneas. Porto Alegre: Fi, 2018, p. 49-69.

SCAVONI, Mariana Paula Pereira. Representações sociais de professores sobre inclusão e o projeto político pedagógico: a escola em movimento. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2016. 195fls.

SCHMITT, Camila da Silva; DOMINGUES, Maria José Carvalho de Souza. Estilos de aprendizagem: um estudo comparativo. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 21, n. 2, p. 361-385, jul. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v21n2/1982-5765-aval-21-02-00361.pdf>. Acesso em: 28.mar.2021

SOUZA, M. M. M.; GOMES, S. A. O. Inclusão em educação especial para estudantes com deficiência intelectual na perspectiva do Desenho Universal para Aprendizagem. Aleph, p. 246-265, jul. 2019.

VILARONGA, Carla Ariela Rios. Colaboração da educação especial em sala de aula: formação nas práticas pedagógicas do coensino. Tese de doutorado. São Carlos: UFSCar, 2014.

VILARONGA, Carla Ariela Rios; MENDES, E. G.. Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. Rev. bras. Estud. pedagog. (online), Brasília, v. 95, n. 239, p. 139-151, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v95n239/a08v95n239.pdf>. Acesso em 09.out.2019.

ZERBATO, A.P.; MENDES, E. G.. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. Educação Unisinos 22(2):147-155, abril-junho 2018 Unisinos. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2018.222.04/60746207>. Acesso: em 09.out.2019.

SOBRE O AUTOR



TARCÍSIO WELVIS GOMES DE ARAÚJO

Mestre em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEI) pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Especialista em Libras com Docência do Ensino Superior (FAEME). Graduado no Curso de Licenciatura em Pedagogia (UFPI). Professor/Instrutor de Libras pela Secretária de Educação do Maranhão (SEDUC-MA).

E-mai:l twgaraujo@gmail.com


Tarcísio Welvis

SOBRE A AUTORA



MARCIA RAIKA E SILVA LIMA

Doutora e Mestre em Educação. Especialista em Educação Inclusiva e Especial com ênfase em Neurociência; em Supervisão Escolar e em Gestão Educacional. Possui Graduação em Licenciatura em Pedagogia. Atualmente trabalha como professora adjunto I no Centro de Estudos Superiores de Caxias/UEMA. Atua como Professora do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede UNESP/UEMA.

E-mai:l marciaraika@hotmail.com

A handwritten signature in blue ink that reads "Marcia Raika e Silva Lima".

Marcia Raika

